

Verniz civilizatório

SYLVAIN LEVY

Médico sanitário e psiquiatra

No Museu Britânico pode ser admirado um segmento de sequóia em corte transversal, onde é possível correlacionar, na visualização de seus anéis, a idade da árvore com alguns fatos que marcaram a história da humanidade. A seta que aponta um determinado anel informa que, quando a sequóia atingiu aquela circunferência, Cristóvão Colombo descobria a América. Outra, três voltas depois, correspondia à Revolução Francesa, e assim por diante.

Aplicando a mesma metáfora à própria história do homem e considerando seu início como ser bípede em torno dos 4 milhões de anos, poderíamos colocar essa data como começo dos tempos humanos e ir desenhando círculos excêntricos à sua volta, definindo um período de mil anos para cada linha e um espaço de um centímetro entre cada circunferência. Só para se ter uma idéia da dimensão, esse modelo teria 40 metros de diâmetro.

Cada um desses círculos representaria a evolução do homem em saltos de mil anos, o que permitiria, portanto, marcar em 35 metros e meio o início da utilização do fogo, pois pesquisas com datação de carbono estimam que isso ocorreu há 600 mil anos. Nessa ordem, os utensílios de barro, com 12 mil anos, estariam na marca de 39 metros e 88 centímetros. Para a civilização,

tal como a concebemos, com normas morais, estruturas sociais e políticas baseadas em regras publicadas (difundidas para o público), restariam apenas os seis centímetros mais superficiais dessa circunferência, o que denotaria somente 6 mil anos da recente história da humanidade.

Desse modo, fica fácil perceber que os tempos humanos têm um número muito maior de anéis relacionados aos instintos básicos de luta e fuga, de sobrevivência e preservação — individual e da espécie —, do que àqueles relativos ao comportamento social propriamente dito, ainda carregando, em sua caminhada evolutiva, uma quantidade muito menor de condutas de respeito ao outro, de respeito à sociedade, de fraternidade e solidariedade, o que pode ser chamado de verniz civilizatório.

Tendo por base esse modelo, onde as emoções primordiais de medo, ódio e amor são tragadas pela força dos instintos e a eles se misturam em processo de fusão biológica, filogenética e natural, fica evidente que as propostas de repressão (com efetividade imediata) e de educação (longo prazo) para se lidar com a violência atual não são suficientes.

É necessário perceber que a transmissão de conhecimentos, a rigidez formal da educação escolar — o aprendizado objetivo e cognitivo, não pelas suas deficiências, mas pelas condições internas do ser humano, operam somente com os superficiais seis centímetros do verniz civilizatório,

não sendo capazes de trabalhar com os demais 39 metros e 94 centímetros, que correspondem, no nosso modelo, a 3, 994 milhões de anos de civilização, período esse que forma e conforma a estrutura psíquica do homem, intuitiva racional e emocional, com muito mais força, profundidade e amplitude.

Repressão e educação vão atuar no domínio do racional. Como o instinto não se educa, não se adentra nem se treina de forma permanente, resta o trabalho com as emoções e sentimentos para que se possa, ainda que timidamente, tentar influenciar os milhões de anos submersos pela fina capa do verniz de civilidade. Usar apenas o racional para lidar com a violência vivenciada hoje é como tentar parar uma avalanche com uma placa de madeira.

É necessário que, juntamente com a educação, se forneçam instrumentos metodológicos e tecnológicos que permitam a expressão das emoções e dos sentimentos, que possibilitem o desenvolvimento da disciplina, da competitividade sadia e o estímulo à criatividade e ao trabalho em equipe. Dessa forma, elementos psíquicos como fraternidade, solidariedade, igualdade e respeito ao outro podem ser “pescados” dentro do universo de cada um e revelados como ferramentas a serem utilizadas na substituição de uma ética do medo pela ética do amor.

A arte e o esporte são instrumentos de escolha para isso. Tão antigas quanto o homem,

são reconhecidas pelo mundo interno dos indivíduos como produtos de uma cultura pessoal e coletiva, embora não recebam dos governos a devida valorização. Pelo próprio tempo que habitam o homem, não podem ser tratadas como objetos culturais meramente agregados, mas, sim, como amigas e conhecidas que merecem abrigo.

Do ponto de vista psíquico só uma emoção pode substituir outra. Não é possível colocar razão onde vive a emoção e vice-versa. O que pode acontecer são eventos simultâneos, onde uma se desenvolve mais que a outra e vai ocupando maior proeminência nos nossos pensamentos e ações. Podemos imaginar que só uma cultura de não violência, de amor, poderá vir a substituir a do ódio e do medo atualmente em vigor.

Um dos conceitos da psicanálise, que pode ser usado como base desse argumento, é o de sublimação, que afirma que energia associada a impulsos e instintos socialmente e pessoalmente constrangedores é, na impossibilidade de realização destes, canalizada para atividades socialmente meritórias e reconhecidas. A frustração de relacionamento afetivo e sexual mal resolvido, por exemplo, é sublimado na paixão pela leitura ou pela arte. Por esse enfoque, arte e esporte merecem maior investimento como ferramentas de sublimação, a serem utilizadas como apoio para nova concepção no processo educativo (ou civilizatório) de uma nova sociedade.